As Relações entre Percepção de Ameaça, Ansiedade, Raiva e Agressividade no Desporto: Um Estudo Comparativo em Modalidades de Contacto

José Fernando A. Cruz[1], Rui Sofia[1], Liliane Mendonça[1] & Joana Matos[1]

[1]Escola de Psicologia, Universidade do Minho

Com o presente estudo pretendeu-se compreender e analisar, em modalidades desportivas com diferentes níveis de contacto físico, as relações entre a percepção de ameaça subjacente à experiência de stress e duas emoções "tonalizadas" negativamente: a ansiedade e a raiva. Os 121 atletas de ambos os sexos que participaram na investigação, com idades compreendidas entre os 14 e os 32 anos distribuíam-se por três modalidades distintas: auto-defesa (N=35), "*kickboxing*" (N=39) e futebol (N=47). Foram administradas as seguintes medidas psicológicas (versões traduzidas e/ou adaptadas): a) Escala de Avaliação Cognitiva da Competição Desportiva – Percepção de Ameaça (Cruz, 1996); b) Escala de Agressividade e Raiva Competitiva (Maxwell & Moores, 2007; Cruz, 2007); e c) Escala de Ansiedade Competitiva – 2 (Smith et al., 2006; Cruz & Gomes, 2007). Os resultados preliminares sugerem as boas características psicométricas dos instrumentos utilizados. Serão ainda apresentados dados correlacionais em função do sexo e modalidade e algumas implicações práticas para o estudo dos comportamentos agressivos no desporto.

Palavras-chave: Percepção de ameaça; Ansiedade competitiva; Raiva e agressividade; Stress e emoções

1. INTRODUÇÃO

O estudo dos comportamentos agressivos em geral, e da emoção da raiva, em particular, tem sido um tema que tem despertado um interesse crescente na investigação internacional no domínio do desporto. O contexto desportivo, nomeadamente as chamadas "modalidades de contacto", além de constituir um contexto propício ao natural contacto físico entre participantes e adversários, contem frequentemente regras e príncipios, implícitos ou explícitos, que legitimizam e promovem comportamentos agressivos e não raramente violentos. Por outro lado, de entre as emoções mais comuns que são associadas a tais comportamentos e mais experienciadas sob a pressão e o "calor" da competição desportiva, são recorrentes na literatura as referências à ansiedade e à raiva (e/ou irritação). Inclusivamente, se alguns estudos sugerem os potenciais efeitos da agressão no rendimento (e. g., Sheldon & Aimar, 2001), outros evidenciaram os benefícios instrumentais e o potencial impacto positivo da emoção da raiva (ver Mauss *et al.*, 2006). A este propósito, por exemplo, Maxwell e Moores (2007)

referem os potenciais "benefícios" de "faltas" ou comportamentos agressivos em jogos muito precocemente (logo no início): "o uso táctico da agressão ou agressão instrumental planeada" (p. 190), associado a percepções de legitimidade, já que permitiria reconquistar alguma vantagem em momentos ou etapas posteriores da competição.

Um número considerável de estudos tem por isso centrado a sua atenção nos factores e processos associados a comportamentos anti-sociais e a actos de agressão (mais ou menos recorrentes) e violência durante a competição desportiva (ver Kavussanu *et al.*, 2009). Um dado adicional que atesta a pertinência do estudo desta temática refere-se, sem dúvida, ao facto de os comportamentos a atitudes agressivas (ex: "forte e duro") serem frequentemente não só promovidos e ensinados (ainda que tacitamente), mas também fortemente encorajados e valorizados por muitos treinadores, dirigentes, adeptos e, inclusivé, pelos próprios pares e familiares dos atletas mais jovens (e. g. Russel, 1993). Não admira por isso que a agressão tenha sido também, estudada como um problema moral, sendo conceptualizada como uma interacção social, e não simplesmente como uma resposta (Bredmeier & Shiels, 1995). Por exemplo, nesta linha de pensamento e investigação, Kavussanu e colaboradores (2009) observaram o comportamento de jogadores de futebol, tendo concluído que os comportamentos pró-sociais eram mais frequentes que os anti-sociais. Além disso, os jogadores do sexo masculino apresentavam mais actos anti-socais que as mulheres. Também no futebol, Rutten e colaboradores (2009), verificaram que 21% da variância no comportamento anti-social fora do campo e 8% no campo, bem como 14% do comportamento pró-social podem ser atribuídos a diferenças entre as equipas e entre os treinadores. Mais concretamente, as diferenças estão relacionadas com o apoio relacional proporcionado pelo treinador, a sua atitude relativamente ao *fair play* e com nível de raciocínio moral acerca de dilemas desportivos.

Inicialmente, Berkowitz (1993) considerou que os dois factores mais importantes como antecedentes e precursores da agressão eram a agressividade e a raiva. Com efeito, níveis elevados nestes traços ou disposições de personalidade pareciam estar associados a uma maior propensão para a agressão, não só em atletas (e.g., Conroy *et al.*, 2001), mas também noutras populações (e. g. Maxwell *et al.*, 2005; Deffenbacher *et al.*, 1996; Buss & Perry, 1992). Segundo Maxwell e Moores (2007), a agressividade pode ser definida como a "disposição para se tornar agressivo ou a aceitação e/ou

vontade de usar a agressão" (p. 182). Por sua vez, a raiva, entendida como "um sentimento negativo associado com avaliações cognitivas específicas, mudanças fisiológicas e tendências de acção" (Shukhodolsky, Golub & Cromwell, 2001, p. 689), sendo distinguida de outro conceito ou componente frequentemente associada, a ruminação da raiva, que engloba "processos cognitivos não intencionais e recorrentes que emergem e contaminam após um episodio de raiva" (p. 690). Num estudo com atletas chineses (Hong Kong), Maxwell, Moores e Chow (2008) verificaram que os pensamentos de vingança, estavam relacionados de forma significativa com a agressão auto-relatada pelos participantes. Este estudo, sobre as relações entre a ruminação da raiva e a agressão foi um dos pouco conduzidos até ao momento com o objectivo de estudar os processos cognitivos associados aos comportamentos agressivos dos atletas. Similarmente, Wilkowski e Robinson (2008), também salientam a importância dos factores cognitivos, como a interpretação hostil automática, a atenção ruminativa e o esforço de controlo, sugerindo que indivíduos com elevado traço de raiva interpretam as situações enviesadamente como mais hostis, o que gera processos automáticos de atenção aos pensamentos de ruminação e amplificação da raiva e dos impulsos agressivos.

A ruminação da raiva é por isso, quase consensualmente entre os autores, uma dimensão significativa dos comportamentos agressivos, merecendo particular destaque, como predictores, os pensamentos de vingança após a provocação (Maxwell *et al.*, 2007). De facto, um outro conceito frequentemente associado neste domínio é o de provocação, um dos factores antecedentes mais evidenciados da agressão. À semelhança da ruminação da raiva, a provocação pode assim ser conceptualizada como um mediador cognitivo da agressão, na linha do modelo cognitivo-neo-associacionista de agressão defendido por Berkowitz (1993) e da forte relação entre a frustração e o comportamento agressivo. Maxwell e colaboradores (2009) definem a provocação como "qualquer comportamento que seja julgado pela vítima com aversivo ou desagradável, normalmente com a intenção implicitamente assumida da parte de quem provoca e potenciador de sentimentos de raiva, frustração ou medo" (p. 290).

Em suma, de forma consistente com o modelo de Berkowitz (1993) os factores e processos cognitivos (e. g., pensamentos de vingança, ruminação da raiva) parecem desempenham um importante papel mediador entre a provocação ou a raiva e os posteriores comportamentos agressivos. É o caso, igualmente, do papel das estratégias e

processos de *coping*, que parecem constituir um importante factor de mediação da relação entre raiva e agressividade e o comportamento agressivo. A título ilustrativo, Maxwell e Siu (2008), embora fora do contexto desportivo, observaram que o *coping* activo pode reduzir as emoções e cognições de raiva, ajudando a prevenir a expressão da raiva como comportamento agressivo. Por outro lado, as estratégias de *coping* passivas não foram eficazes na redução da raiva e agressividade. Mas especificamente no contexto desportivo, Bolgar, Janelle, Giacobbi (2008) concluíram que os atletas com níveis mais elevados de controle de raiva demonstraram maior controle, capacidade de modificar a situação e mais *coping* focado no problema e na emoção quando comparados com os que demonstraram níveis mais baixos.

Do mesmo modo, na procura de precedentes cognitivos da agressão, muito recentemente Maxwell, Visek e Moores (2009) fazem referência à sua aceitação em contextos desportivos, onde parece evidente alguma "percepção de legitimidade dos actos agressivos" (p. 290). Por isso, para estes autores, os indivíduos que consideram a agressão aceitável no desporto, serão mais agressivos. Os autores demonstraram que as modalidades de "colisão" aprestavam níveis superiores de raiva, agressividade, provocação e percepção de legitimidade da agressão. Por outro lado, nas modalidades individuais, os níveis destas variáveis foram os mais baixos. Tendo em consideração o nível de competição, verificaram que todas as variáveis decrescem com o seu aumento, à excepção das modalidades de colisão, em que um escalão mais elevado estava associado com o aumento da agressão. Neste sentido, concluem que experiência tende a reduzir os comportamentos de raiva e agressividade, mas não para modalidades de colisão em que o sucesso está associado com a agressão. Os autores sugerem precisamente que nestas modalidades não são aprendidas estratégias de *coping* para lidar com a agressão.

Mas alguns estudos têm procurado conhecer e especificar outros preditores da agressão. Chow, Murray e Feltz (2009), por exemplo, analisaram o potencial preditivo dos factores sócio ambientais e pessoais na probabilidade de agressão de jovens jogadores de futebol. Os autores concluíram que o preditor mais forte da probabilidade para agredir foi a norma da equipa acerca da agressão. Este preditor foi relevante quer ao nível das percepções individuais da norma, mas também da percepção colectiva da norma da equipa. Igualmente, Bar-Eli, Shimkin e Wolf (no prelo) procuraram perceber como é que os jogadores de basquetebol profissionais previam o

comportamento agressivo no campo. Estes autores concluíram que os julgamentos feitos acerca deste comportamento baseiam-se principalmente em duas disposições do perpetrador, a agressividade e a susceptibilidade para a vitimização. Especificamente, os jogadores com elevada agressividade e baixa tendência para a vitimização foram considerados mais susceptíveis ao comportamento violento.

Com o objectivo de construir um método eficaz de "identificar indivíduos que são mais inclinados para o uso da agressão no desporto (sancionada ou não)", Maxwell e Moores (2007, p. 182) viriam a desenvolver o CAAS (*Competitive Aggressiveness and Anger Scale*), procurando assim dar resposta às dificuldades e limitações dos instrumentos anteriores mais utilizados pelos investigadores da agressão e das tendências agressivas em contextos agressivos , nomeadamente o "*Buss-Durkee Hostility Inventory*" (Buss & Durkee, 1957), o "*Buss-Perry Agression Questionnaire*" (Buss & Perry, 1992), o "*Athlete Agression Inventory*" (Bredmeier, 1975, 1978) e o "*Sports Behaviour Inventory*" (Conroy *et al.*, 2001).

Subjacente ao desenvolvimento da CAAS esteve um prolongado debate acerca da definição de agressão e de comportamentos agressivo no desporto (ver Maxwell, 2004; Tenenbaum *et al.*, 1997; 2000; Kerr, 1999, 2002) . De facto, estes autores defendem a exclusão nesta definição de comportamentos que possam ser encarados como agressivos, mas não percepecionados por quem os faz como tal (sendo como tal sancionados legalmente no desporto). Mais do que entenderem que os comportamentos não sancionados legalmente nunca são agressivos, (de facto alguns podem-no ser) esta posição inicialmente sugerida por Maxwell (2004) limita a análise operacional dos comportamentos agressivos a "comportamentos não sancionados que possam ser facilmente classificados como agressivos ou simplesmente como violação das regras". Mais especificamente, para Maxwell (2004, p. 280) a agressão no desporto é definida como "qualquer comportamento (intencional) não reconhecido como legal no |âmbito das regras oficiais de conduta, dirigido para um adversário, árbitro (juiz), colega de equipa ou espectador, que é motivado para evitar tal comportamento". A necessidade de medir, através de auto-relato, a agressão não-sancionada, justificou igualmente a opção por esta definição operacional de agressão no desporto (Maxwell *et al.*, 2009). Assim, enquanto a sub-escala de agressividade da CAAS prepresentar a "aceitação da agressão e a prontidão para agredir", a sub-escala de raiva parece ser um indicador de "frustração

provocada pela perda de pontos ou jogos, erros de árbitros (juízes), e reactividade de raiva, em geral" (Maxwell & Moores, 2007, p. 188).

Embora a investigação nacional seja escassa, em termos internacionais ela tem dirigido os seus esforços principalmente para modalidades onde tais comportamentos são mais publicitados e/ou legitimados, formal ou informalmente (ex: hóquei no gelo, "football" americano, boxe ou futebol / "soccer"), tendo frequentemente subjacentes as elevadas taxas de ocorrência de lesões graves entre os atletas (e. g. Smith *et al.*, 2000).

Paralelamente, se a investigação anterior tem partido da divisão/comparação entre desportos de contacto *vs* não-contacto, pelas maiores oportunidades de conflitos nos primeiros, parece ignorar no entanto o estudo de diferentes níveis de oportunidades e/ou momentos de conflitos, confronto e contacto, mesmo dentro do grupo mais amplo das modalidades de contacto, de natureza individual ou colectiva (ex: boxe, andebol, futebol, basquetebol, judo ou luta). Acresce a esta limitação, uma outra motivação para o presente estudo exploratório: a importância e relevância que o estudo da agressividade tem tido, sobretudo junto de populações jovens (crianças a adolescentes). Além disso, no nosso país, e mesmo internacionalmente, uma das limitações da investigação tem a ver, em certa medida, com a ausência de instrumentos de avaliação das dimensões e factores psicológicos referidos, adaptados para contextos e populações desportivas. Daí que um objectivo adicional do presente estudo tenha sido dar um contributo inicial e exploratório para a análise de algumas características psicométricas da medida de agressividade e raiva no desporto, desenvolvida recentemente por Maxwell e colaboradores (Maxwell & Moores, 2007; 2008).

Em síntese, a importância do estudo da agressão e comportamentos associados em contextos desportivos merece um crescente e renovado interesse da investigação em Psicologia do desporto. Para além do laboratório natural que constitui o desporto para o seu estudo, não deixa de ser curioso que, quer se queira quer não, frequentemente a agressão é permitida e/ou legitimada no desporto, pode não ser aceitável e é mesmo punida noutros contextos sociais. Por isso, com o presente estudo pretendeu-se compreender e analisar, em modalidades desportivas com diferentes níveis de contacto físico, as relações entre a percepção de ameaça subjacente à experiência de stress e duas emoções "tonalizadas" negativamente: a ansiedade e a raiva.

2. METODOLOGIA

2.1 Participantes

Neste estudo participaram um total de 121 atletas, de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 14 e os 37 anos (M=24.3 anos), distribuídos por três modalidades com diferentes níveis de contacto: a auto-defesa (n=35), o *kickboxing* (n=39) e o futebol (n=47).

2.2 Instrumentos

EACCD-PA : Escala de Avaliação Cognitiva da Competição Desportiva - Percepção de Ameaça. Esta escala foi desenvolvida para contextos desportivos por Cruz (1996ª,b; ver Dias, Cruz & Fonseca, 2009) e destina-se a avaliar o estilo geral de avaliação cognitiva primária ou, por outras palavras, avaliar "o que está em jogo" na competição desportiva, na perspectiva de cada atleta, e que os leva a experienciarem stress e ansiedade na alta competição. Na sua versão actual a escala inclui 8 itens (ex: "Parecer incompetente face aos outros"), respondidos, cada um deles, numa escala do tipo Likert de 5 pontos. A EACC-PA é uma adaptação de instrumentos similares desenvolvidos e aplicados por Lazarus e colaboradores noutros contextos aplicados (Lazarus, 1991c; Lazarus & Folkman, 1984; Folkman et al., 1986). O "score" total da EACC-PA, resultante da soma dos valores atribuidos a cada item, pode variar entre um valor mínimo de 8 e um máximo de 40. Os "scores" mais elevados reflectem assim a tendência para percepcionar a competição desportiva como mais ameaçadora ou para percepcionar níveis mais elevados de ameaça ao "ego", à auto-estima e ao bem-estar pessoal, gerados pela competição.

EAD-2: Escala de Ansiedade no Desporto. Trata-se de uma versão traduzida e adaptada por Cruz e Gomes (2007) da *Sport Anxiety Scale – 2* (SAS-2), recentemente desenvolvida por Smith, Smoll, Cumming & Grossbard (2006). Esta escala pretende avaliar, multidimensionalmente, o traço de ansiedade. Avalia as diferenças individuais no traço de Ansiedade Somática e nas duas dimensões da Ansiedade Cognitiva – Preocupação e Perturbação de Concentração. Constituída por um total de 15 itens que distribuem-se pelas 3 sub-escalas (5 ítens por escala). Os sujeitos respondem numa escala de likert de 4 pontos, em que os *scores* de cada escala se obtêm através da soma dos valores atribuídos, podendo obter-se um “score” total de Ansiedade Competitiva

somando os totais de cada sub-escala. Os *scores* de cada escala variam entre um mínimo de 5 e um máximo de 20 pontos. O "score" total da SAS-2 representa "um índice geral da ansiedade do rendimento desportivo" (Smith *et al*., 2006, p. 487).

*CAAS: Cognitive Aggressiveness and Anger Scale***.** Desenvolvido por Maxwell & Moore (2007), este instrumento pretende avaliar a raiva e a aceitação e recurso à agressividade em contextos desportivos. Constituído por 12 itens, é respondido numa escala de tipo Likert de 5 pontos (1 "Quase nunca" a 5 "Quase sempre") e subdivide-se em duas escalas: escala de agressividade (6 itens) e escala da raiva (6 itens). A escala da agressividade relaciona-se com a aceitação e vontade de recorrer ao "abuso" físico ou verbal, para ganhar vantagem competitiva. A escala de raiva descreve incidentes de irritação associados à frustração provocada por derrotas, ou perda de pontos/jogos, ou emoções negativas direccionadas a árbitros ou adversários. O "score" de cada escala resulta da soma do valor atribuído a cada item correspondente.

2.3 Procedimentos

Os atletas responderam individualmente às medidas e instrumentos na época 2007/2008. A administração dos questionários foi efectuada pelos investigadores e psicólogos do desporto e as instruções dadas procuraram, em todas as sessões de administração, minimizar potenciais efeitos da desejabilidade social e reforçar a honestidade e sinceridade nas respostas, através de indicações expressas de não haver "respostas correctas ou incorrectas.

3. RESULTADOS

Para a análise e tratamento estatístico dos dados recolhidos recorreu-se a diversos procedimentos, disponíveis no programa *Statistical Package for Social Sciences – SPSS* (Versão 16.0). Para além da análise das estatísticas descritivas, recorreu-se a anaálises de correlações (*Pearson* e parciais), *t-tests* para amostras independentes, e *ANOVA´s* (seguidas de testes *post-hoc* de Scheffe. Adicionalmente analisaram-se algumas características psicométricas das medidas utilizadas, sobretudo, através da análise dos índices de fidelidade dos instrumentos usados (*alpha* de *Cronbach).* Relativamente às características psicométricas das medidas usadas (e por limitações de espaço para análises mais detalhadas) refiram-se os coeficientes de fidelidade bastante aceitáveis

obtidos para todas as medidas deste estudo. Com efeito, os coeficientes "*alpha de Cronbach*" encontrados variaram entre .78 e .89 para as diferentes sub-escalas dos instrumentos usados, incluindo ainda valores de .89 (SAS total), .87 (CAAS-Total) e .82 (Percepção de Ameaça).

A Tabela 1 apresenta os valores médios e estatísticas descritivas para as variáveis em estudo e para a amostra total de participantes.

Tabela 1 - *Estatísticas descritivas das variáveis*

Variável	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
Percepção de ameaça	22.6	6.7	8	39
SAS- Ans. Cognitiva	12.4	3.7	5	20
SAS – Ans. Somática	8.28	2.5	5	16
SAS – Perturb. Concentração	8.3	2.4	5	16
SAS - Total	28.9	7.1	17	48
CAAS - Raiva	12.5	4.2	6	24
CAAS - Agressividade	11.2	4.6	6	25
CAAS - Total	23.7	8.0	12	48

Na Tabela 2 poderão ser analisados os coeficientes de correlação obtidos, incluindo (na diagonal inferior) coeficientes de correlação parciais, com controle da variável idade. De um modo geral, a análise da Tabela permite constatar os seguintes dados principais: a) as relações moderadas (positivas e significativas) entre as avaliações cognitivas de ameaça e as medidas de ansiedade (nas suas diferentes dimensões) e de raiva; b) as correlações positivas também moderadas e/ou elevadas entre as dimensões da ansiedade competitiva e da raiva; c) a praticamente inexistente relação entre a agressividade e as dimensões da ansiedade competitiva e percepção de ameaça; e d) a natureza diferencial das relações entre as duas dimensões da CAAS e as dimensões da ansiedade competitiva, quase se registando apenas associações significativas e positivas da sub-escala de raiva com a ansiedade cognitiva, somática, perturbação da concentração (SAS) e com a percepção de ameaça.

Tabela 2 - *Correlações de Pearson e parciais entre as variáveis*

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7	8
1. Percepção de ameaça	__	.33***	.21*	.21*	.37***	.21*	n. s.	.16†
2. SAS- Ans. Cognitiva	.41***	__	.57***	.43***	.86***	.17†	-.17†	n. s.
3. SAS – Ans. Somática	.31***	.61***	__	.57***	.85***	.16†	n. s.	n. s.
4. SAS – Pert. Concentração	.31***	.41***	.56***	__	.75***	.36***	n. s.	.17†
5. SAS - Total	.42***	.87***	.85***	.74***	__	.27**	n. s.	n. s.
6. CAAS - Raiva	n. s.	.17†	.30**	.45***	.34***	__	.64***	.90***
7. CAAS - Agressividade	n. s.	-.18†	n. s.	n. s.	n. s.	.57***	__	.91***
8. CAAS - Total	n. s.	n. s.	n. s.	.26**	n. s.	.88***	.89***	__

*p<.05; **p<.01; p<.001; † p<.10. Na diagonal inferior apresentam-se os coeficientes de correlação parciais (idade como variável controle). Na diagonal superior são apresentados os coeficientes de correlação de Pearson.

Relativamente às diferenças nas medidas nas diferentes modalidades desportivas (envolvendo diferentes graus e intensidades de contacto físico), os dados das análises de variância realizadas evidenciaram a existência de diferenças significativas entre as modalidades em praticamente todas as dimensões e características psicológicas avaliadas (ver Tabela 3). Mais concretamente, os dados combinados das análises *post-hoc*, mostram que os praticantes de auto-defesa, *kickboxing* e futebol diferem significativamente entre si nos níveis de raiva e de agressividade, com os atletas de futebol a serem os que manifestam os níveis mais elevados (seguidos, por ordem decrescente, dos atletas de *kickboxing* e dos de auto-defesa). Curiosamente, relativamente à ansiedade competitiva verificou-se um padrão inverso, com os atletas de *kickboxing*, principalmente, a mostraram níveis médios significativamente mais elevados de ansiedade cognitiva e somática que os seus colegas da auto-defesa e do futebol, sendo estes últimos os que mostraram valores mais baixos de ansiedade. Já no que se refere à percepção de ameaça, foram novamente evidentes as diferenças, com os

atletas de *kickboxing* a evidenciarem níveis mais elevados que os do futebol. Os praticantes de auto-defesa também diferiam significativamente dos seus pares de outras modalidades, sendo aqueles que percepcionavam menor ameaça.

Tabela 3 - *Diferenças nas variáveis psicológicas em função da modalidade*

	Auto-defesa		*Kickboxing*		Futebol			
	M.	D.P.	M.	D.P.	M.	D.P.	*F*	Sig.
Percepção de ameaça	19.5	7.8	25.5	4.9	22.4	6.2	8.22	.000
SAS- Ans. Cognitiva	11.5	3.6	14.6	3.5	10.9	3.1	13.83	.000
SAS – Ans. Somática	8.0	2.5	9.6	2.8	7.3	1.7	9.94	.000
SAS –Pert. Concentração	8.5	2.4	8.8	2,7	7.6	2.0	2.75	.068
SAS - Total	27.5	6.3	33.1	7.9	26.1	5.2	12.79	.000
CAAS - Raiva	9.8	3.3	12.0	3.6	14.7	4.1	16.61	.000
CAAS - Agressividade	8.3	1.9	9.2	2.9	14.8	4.6	41.13	.000
CAAS - Total	18.1	4.7	21.2	5.5	29.5	7.9	34.33	.000

Por último, na Tabela 4 poderão ser analisadas as diferenças em função do sexo dos participantes. Comparativamente aos seus colegas do sexo feminino, os atletas do sexo masculino evidenciaram níveis significativamente mais baixos de ansiedade somática, mas níveis significativamente mais elevados de raiva e agressividade, percepcionando ainda a competição desportiva como mais ameaçadora.

Tabela 4 - *Diferenças nas variáveis psicológicas em função do sexo (amostra total)*

	Masculino		Feminino			
Variáveis psicológicas	M.	D. P.	M.	D. P.	*t*	Sig.
Percepção de ameaça	23.9	6.1	20.3	7.1	2.86	.005
SAS- Ans. Cognitiva	12.4	3.6	12.4	4.1	.06	n. s.
SAS – Ans. Somática	7.9	2.3	9.1	2.9	-2.33	.021
SAS – Pert. Concentração	8.1	2.4	8.6	2.5	-1.02	n. s.
SAS - Total	28.5	6.1	29.6	7.7	-.72	n. s.
CAAS - Raiva	13.7	4.3	10.2	3.2	4.43	.000
CAAS - Agressividade	12.7	4.8	8.1	1.9	5.59	.000
CAAS - Total	26.3	8.1	18.3	40.5	5.62	.003

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Tendo em conta a natureza exploratória do presente estudo e alguma ausência de dados comparativos na investigação nacional e internacional (sobretudo nas modalidades e variáveis estudadas), um dado principal a reter refere-se às associações significativas e positivas assinaláveis por um lado entre a avaliação cognitiva de ameaça e as medidas de ansiedade e raiva e, por outro lado, entre os "scores" de raiva e os de ansiedade somática e perturbação da concentração. Paralelamente, as elevadas correlações entre raiva e agressividade sugerem a necessidade do aprofundamento e estudo dos seus antecedentes e mediadores. Além disso, no seu conjunto, estes dados sugerem que o estudo das emoções no desporto deverá necessariamente centrar-se na co-ocorrência de diferentes emoções e nos seus efeitos diferenciais. Particularmente, parece justificar-se o estudo aprofundado da relação (isolada e/ou combinada) entre ambas as emoções (raiva e ansiedade) no rendimento desportivo. As recentes perspectivas "utilitárias" no estudo da raiva, sugerindo o seu impacto positivo, poderão fornecer pistas fundamentais para a investigação, mas também para a intervenção psicológica futura no domínio mais vasto do uso (e/ou abuso) de comportamentos agressivos no desporto (ver Mauss e tal., 2009; Maxwell & Moores, 2007, 2008).

Um outro dado principal do presente estudo (que seja do nosso conhecimento, não muito explorado em estudos anteriores), refere-se às claras vantagens do estudo dos processos cognitivos e afectivos associados à raiva e à agressividade, simultaneamente em diferentes desportos de contacto e/ou colisão. Os resultados obtidos sugerem claramente que a comparação entre desportos de "contacto" *vs* "não-contacto" poderá ser demasiado simplista e pouco esclarecedora.

Refira-se por último que a natureza exploratória e o carácter transversal do presente estudo constituem limitações metodológicas importantes que não permitem generalizações excessivas. Particularmente, o potencial efeito e o papel de variáveis como o género, idade, tipo de modalidade, nível e experiência competitiva na análise aprofundada do padrão de relações entre estas variáveis, devem merecer uma atenção particular dos investigadores.

5. CONCLUSÕES

Concluindo, e sem esquecer a natureza exploratória e inicial do presente estudo, os dados recolhidos sugerem, ainda que indirectamente, uma importante implicação prática que, simultaneamente, permitirá colmatar talvez a principal lacuna da investigação no domínio da agressividade e da violência no desporto: o desenvolvimento, implementação e avaliação da eficácia de intervenções e programas psicológicos sistemáticos destinados à redução e prevenção específica de comportamentos agressivos e violentos, nomeadamente juntos dos escalões de iniciação e formação desportiva. Com efeito, muito mais do que a mera informação e apresentação de linhas orientadoras para a sua diminuição (e para além daquela que é veiculada, massiva e individualmente, para promover comportamentos positivos de desportivismo e "*fair-play*"), torna-se urgente o desenvolvimento de actividades estruturadas e sistemáticas não só dirigidas a treinadores, dirigentes e pais, mas principalmente direccionadas para grupos de crianças e jovens. A redução das tendências e comportamentos agressivos e violentos no desporto parece passar, obrigatória e necessariamente, por programas de intervenção psicológica, sólida e teoricamente orientados, que ajudem e promovam comportamentos proactivos de auto-regulação, regulação emocional e auto-controle em situações adversas e emocionalmente exigentes no "calor" e sob a "pressão" da ("alta") competição

desportiva. Este será, certamente, um "jogo" ganho por todos os agentes implicados no desporto.

CONTACTO PARA CORRESPONDÊNCIA

José Fernando A. Cruz
Escola de Psicologia, Universidade do Minho, Campus de Gualtar, 4710-057 Braga
jcruz@psi.uminho.com

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bar-Eli, M., Shimkin, T. & Wolf, Y. (no prelo). Professional basketball's nnsportsmanlike fouls in the eyes of the beholders. *Applied Psychology: An International Review.*

Berkowitz, L. B. (1993). *Aggression: Its causes, consequences and control*. New York: McGraw-Hill.

Bolgar, M. R., Janelle, C., Giacobbi Jr., P. R. (2008). Trait anger, appraisal, and *coping* differences among adolescent tennis players. *Journal of Applied Sport Psychology, 20*(1), 73-87.

Bredemeier, B. (1975). The assessment of reactive and instrumental aggression. In I. D. M. Landers (Ed.*), Psychology of sport and motor behaviour II* (pp. 71–84). State College, PA: Penn State HPER Series.

Bredemeier, B. (1978). The assessment of reactive and instrumental aggression. In: *Proceedings of the international symposium of psychological assessment in sport* (pp. 136–145). Netanya, Israel: Wingate Institute for Physical Education and Sport.

Bredemeier, B., & Shields, D. (1995). *Character development and physical activity*. Champaign, IL: Human Kinetics.

Buss, A. H. & Durkee, A. (1957). An inventory for assessing different kinds of hostility. *Journal of Consulting Psychology, 24*, 349–354.

Buss, A. H., & Perry, M. (1992). The aggression questionnaire. *Journal of Personality and Social Psychology, 63*, 452–459.

Chow, G. M., Murray, K. E. & Feltz, D. L. (2009). Individual, team, and coach predictors of players' likelihood to aggress in youth soccer. *Journal of Sport and Exercise Psychology, 31*, 425-443.

Conroy, D. E., Silva, J. M., Newcomer, R. R., Walker, B. W., & Johnson, M. S. (2001). Personal and participatory socializers of the perceived legitimacy of aggressive behavior in sport. *Aggressive Behavior, 27*, 405–418.

Cruz, J. (1996a). Stress, ansiedade e competência psicológicas nos atletas de elite e de alta competição: Um estudo da sua relação e impacto no rendimento e no sucesso desportivo. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 1, 161-192.

Cruz, J.(1996b). *Stress, Ansiedade e Rendimento na Competição Desportiva*. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.

Cruz, J., & Barbosa, L. (1998). Stress, ansiedade e confronto psicológico na competição desportivas: Uma nova abordagem de natureza cognitiva, motivacional e relacional. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 3, 021-070.

Cruz, J., & Gomes, R. (2007). *Escala de Ansiedade no Desporto -2*. Manuscrito não publicado. Braga: Universidade do Minho.

Deffenbacher, J. L., Oetting, E. R., Lynch, R. S. & Morris, C. D. (1996). The expression of anger and its consequences. *Behavioural Research and Therapy, 34*, 575–590.

Gee, C. J. & Larry, M. (2007). Aggressive behavior in professional ice hockey: A cross-cultural comparison of North American and European born NHL players. *Psychology of Sport and Exercise, 8*, 567–583.

Kavussanu, M., Stamp, R., Slade, G. & Ring, C. (2009). Observed prosocial and antisocial behaviors in male and female soccer players. *Journal of Applied Sport Psychology, 21*, 62-76.

Kerr, J. H. (1999). The role of aggression and violence in sport: A rejoinder to the ISSP position stand. *The Sport Psychologist, 13*, 83–88.

Kerr, J. H. (2002). Issues in aggression and violence in sport: The ISSP position stand revisited. *The Sport Psychologist, 16*, 68–78.

Lazarus; R. (1991). Cognition and motivation in emotion. *American Psychologist, 46*, 352-367.

Lazarus, R. (2000). How emotions influence performance in competitive sports. *The Sport Psychologist, 14*, 229- 252.

Mauss, I. B., Evers, C., Wilhelm, F. H., & Gross, J. J. (2006). How to bite your tongue without blowing your top: Implicit evaluation of emotion regulation predicts

affective responding to anger provocation. *Personality and Social Psychology Bulletin, 32*, 389-602.

Maxwell, J. P. (2004). Anger rumination: An antecedent of athlete aggression? *Psychology of Sport and Exercise, 5*, 279–289.

Maxwell, J. P., Grant, S. & Lipkin, S. (2005). Further validation of the propensity for angry driving scale in British drivers. *Personality and Individual Differences, 38*, 213–224.

Maxwell, J. P. & Moores, E. (2007). The development of a short scale measuring agressiveness and anger in competitive athletes. *Psychology of sport and exercise, 8*, 179-93.

Maxwell, J.P., Moores, E. J. & Chow, C.C.F. (2007) Anger rumination and self-reported aggression amongst British and Hong Kong Chinese athletes: a cross cultural comparison. *International Journal of Sport and Exercise Psychology, 5*(1), pp. 9-27.

Maxwell, J. P. & Siu, O. (2008). The Chinese *Coping* Strategies Scale: Relationships with aggression, anger, and rumination in a diverse sample of Hong Kong Chinese adults. *Personality and Individual Differences, 44*, 1049-1059.

Maxwell, J. P., Visek, A. J. & Moores, E. (2009). Anger and preceived legitimacy of aggression in male Hong Kong Chinese athletes: Effects of type of sport and level of competition. *Psychology of Sport and Exercise, 10*, 289-296.

Rutten, E. A., Dekovic, M., Stams, G. J., Schuengel, C., Hoeksma, J. B., & Biesta, G. J. (2009). On- and off-field antisocial and prosocial behavior in adolescent soccer players: A multilevel study. *Journal of adolescence, 31*, 371–387.

Sheldon, J. P., & Aimar, C. M. (2001). The role aggression plays in successful and unsuccessful ice hockey behaviors. *Research Quarterly for Exercise and Sport, 72*, 304–309.

Smith, R.E., Ptacek, J.T., & Patterson, E. (2000). Moderator effects of cognitive and somatic trait anxiety on the relation between life stress and physical injuries. *Anxiety, Stress & Coping, 13* (3), 269-288.

Sukhodolsky, D., Golub, A. & Cromwell, E. (2001). Development and validation of the anger rumination scale. *Personality and Individual Differences, 31*, 689-700.

Tenenbaum, G., Sacks, D. N., Miller, J. W., Golden, A. S., & Doolin, N. (2000). Aggression and violence in sport: A reply to Kerr's rejoinder. *The Sport Psychologist, 14*, 315–326.

Tenenbaum, G., Stewart, E., Singer, R. N., & Duda, J. (1997). Aggression and violence in sport: An ISSP position stand. *The Sport Psychologist, 11*, 1–7.

Wilkowski, B. M. & Robinson, M. D. (2008). The cognitive basis of trait anger and reactive aggression: An integrative analysis. *Personality and Social Psychology Review, 12*(1), 3-21.